

REVISÃO DE LITERATURA: INCLUSÃO DA CRIANÇA AUTISTA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR - UMA ABORDAGEM NO ÂMBITO DOS PROFESSORES DAS SÉRIES INICIAIS

Dailde Ferreira Alves

Veni Creator Christian University.

<https://orcid.org/0009-0002-3403-368X>

E-mail: daildesferreiraalves@gmail.com

Sandra Karina Mendes do Vale

<https://orcid.org/0009-0009-5684-8303>

E-mail: karinamendes2232@gmail.com

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2025.V4N3>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2025.V4N3-30>

RESUMO: A inclusão de crianças autistas na Educação Física Escolar representa um desafio crescente no campo da Educação Inclusiva, demandando estratégias pedagógicas adaptadas e formação docente qualificada para assegurar a participação efetiva desses alunos. Este artigo tem como objetivo mapear a produção acadêmica sobre o tema, identificando lacunas, ênfases temáticas, abordagens teóricas e metodológicas. A pesquisa foi conduzida por meio de uma revisão de literatura, analisando dissertações, artigos e anais disponíveis nas bases BDTD, ANPED e SciELO. A seleção dos estudos utilizou palavras-chave como: Educação Física Escolar, Autismo e Inclusão Escolar, resultando em sete publicações analisadas. Os resultados indicam uma concentração de pesquisas nas regiões Sudeste e Sul do Brasil, com destaque para abordagens teóricas fundamentadas na perspectiva histórico-cultural de Vigotski e na Educação Física Inclusiva. As metodologias predominantes incluem estudos de caso e investigações qualitativas. Entre as principais lacunas, destacam-se a escassez de estudos quantitativos sobre o impacto da inclusão, a limitada produção acadêmica nas regiões Norte e Centro-Oeste e a necessidade de pesquisas sobre políticas públicas voltadas à Educação Física Inclusiva. Conclui-se que, apesar dos avanços, ainda são necessárias investigações que avaliem a efetividade das práticas inclusivas, ampliem a formação docente e proponham diretrizes para estratégias mais eficazes.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física. Autismo. Inclusão Escolar. Formação Docente.

LITERATURE REVIEW: INCLUSION OF THE AUTISTIC CHILD IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION: AN APPROACH WITHIN THE SCOPE OF EARLY YEARS TEACHERS

ABSTRACT: The inclusion of autistic children in School Physical Education represents a growing challenge in the field of Inclusive Education, demanding adapted pedagogical strategies and qualified teacher training to ensure the effective participation of these students. This article aims to map the academic production on the subject, identifying gaps, thematic emphases, and theoretical and methodological approaches. The research was conducted through a literature review, analyzing dissertations, articles, and

proceedings available in the BDTD, ANPED, and SciELO databases. The selection of studies used keywords such as: School Physical Education, Autism, and School Inclusion, resulting in seven analyzed publications. The results indicate a concentration of research in the Southeast and South regions of Brazil, with an emphasis on theoretical approaches grounded in Vygotsky's historical-cultural perspective and Inclusive Physical Education. The predominant methodologies include case studies and qualitative investigations. Among the main gaps, the scarcity of quantitative studies on the impact of inclusion, the limited academic production in the North and Central-West regions, and the need for research on public policies aimed at Inclusive Physical Education stand out. It is concluded that, despite advances, further investigations are still needed to evaluate the effectiveness of inclusive practices, expand teacher training, and propose guidelines for more effective strategies.

KEYWORDS: Physical Education. Autism. School Inclusion. Teacher Training.

INTRODUÇÃO

A inclusão de crianças autistas na Educação Física Escolar é um tema de crescente relevância no campo da Educação Inclusiva. Essa disciplina desempenha um papel fundamental no desenvolvimento motor, social e cognitivo das crianças, sendo especialmente importante para alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), pois proporciona oportunidades para a interação social, o aprendizado de regras e o desenvolvimento de habilidades coletivas.

No entanto, a efetivação dessa inclusão ainda enfrenta desafios significativos, especialmente no que se refere à adaptação das atividades, à formação docente e à estruturação de práticas pedagógicas que atendam às necessidades desses alunos.

Apesar dos avanços nas políticas de inclusão escolar no Brasil, a realidade prática revela que barreiras persistem, particularmente no contexto das aulas de Educação Física, onde a socialização e o desenvolvimento motor demandam estratégias específicas para assegurar a participação ativa de todos os estudantes.

Nesse sentido, Sassaki (2010) enfatiza que a inclusão escolar deve transcender a mera inserção dos alunos com deficiência no ambiente educacional, exigindo transformações estruturais, metodológicas e culturais que promovam sua participação efetiva.

No contexto da Educação Física Escolar, essa transformação requer um planejamento cuidadoso das aulas, adaptações nos materiais e estratégias de ensino, além da capacitação dos professores para trabalharem com alunos autistas.

A escassez de estudos sistemáticos que avaliem a eficácia das práticas inclusivas nessa disciplina evidencia a necessidade de mapear a produção acadêmica existente, identificar lacunas e propor novos caminhos para o desenvolvimento de pesquisas e metodologias voltadas à Educação Física Inclusiva.

Diante desse cenário, o presente artigo tem como objetivo geral mapear os estudos sobre a inclusão de crianças autistas na Educação Física Escolar, buscando identificar as lacunas existentes na pesquisa acadêmica, bem como as principais ênfases temáticas, teóricas e metodológicas.

Para isso, foram definidos os seguintes objetivos específicos: (1) identificar os primeiros estudos sobre o tema; (2) explicitar os locais onde o tema é mais pesquisado; (3) identificar os subtemas associados à inclusão da criança autista na Educação Física Escolar; (4) apontar as principais teorias e autores acionados nos estudos revisados; (5) evidenciar as principais metodologias empregadas nas pesquisas sobre o tema; e (6) analisar as ênfases, distanciamentos e lacunas presentes nos estudos sobre a inclusão da criança autista na Educação Física Escolar.

Para alcançar esses objetivos, foi realizada uma revisão de literatura, utilizando as bases de dados BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações), ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação) e SciELO (Scientific Electronic Library Online). As palavras-chave utilizadas na busca foram: Educação Física Escolar, Autismo, Inclusão Escolar, Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Práticas Pedagógicas Inclusivas. Foram selecionados sete estudos relevantes, incluindo dissertações, artigos científicos, teses e anais de congressos, todos abordando diretamente a inclusão de alunos autistas na Educação Física Escolar.

O Quadro 1 apresenta a distribuição dos textos identificados e selecionados para análise, organizados de acordo com a base de dados consultada:

Quadro 1 — Distribuição dos Estudos Seleccionados sobre Inclusão de Crianças Autistas na Educação Física Escolar.

BDTD	ANPED	SciELO
Siqueira (2011) – Dissertação	Kubaski, Pozzobon e Rodrigues (2024) – Dissertação	Caetano (2020) – Artigo
Costa (2015) – Dissertação	-	Cruz (2024) – Artigo
Lima (2017) – Dissertação	Anais da ANPED (2024) – Evento Científico	-

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

Os resultados desse levantamento indicam que a maioria dos estudos analisados é composta por dissertações (57,1%), o que sugere que a pesquisa sobre a inclusão de crianças autistas na Educação Física Escolar ainda está em processo de consolidação, sendo mais explorada em programas de mestrado do que em produções científicas de alto impacto, como teses de doutorado ou artigos em periódicos indexados.

A presença de dois artigos na SciELO (28,6%) evidencia um crescimento no interesse acadêmico pelo tema, mas a ausência de teses de doutorado aponta para a necessidade de um aprofundamento teórico mais robusto.

Além disso, o fato de apenas um estudo ter sido encontrado nos anais da ANPED (14,3%) indica que, apesar do debate sobre a inclusão na Educação Física Escolar estar presente em eventos científicos, ainda há um déficit na disseminação dos resultados dessas pesquisas.

Este artigo está estruturado para oferecer uma visão abrangente sobre a produção acadêmica relativa à inclusão de crianças autistas na Educação Física Escolar, destacando as principais tendências e lacunas identificadas nas pesquisas analisadas.

Para isso, a Seção 2, intitulada Análise da Produção Acadêmica sobre a Inclusão da Criança Autista na Educação Física Escolar, apresenta os resultados da revisão de literatura realizada., identificando os primeiros estudos sobre o tema, a distribuição regional das pesquisas, os subtemas mais abordados, as principais teorias acionadas e as lacunas existentes na literatura.

Na Seção 2.1, são analisados os primeiros estudos publicados, evidenciando as pesquisas pioneiras na área e destacando as instituições acadêmicas que mais contribuem para o desenvolvimento de investigações sobre a inclusão da criança autista na Educação

Física Escolar. Essa seção também examina a concentração regional das pesquisas e os subtemas mais abordados nos estudos revisados, permitindo identificar convergências e distanciamentos entre as diferentes abordagens.

A Seção 2.2 discute as principais teorias e metodologias empregadas nos estudos analisados, apresentando os referenciais teóricos mais utilizados e as estratégias metodológicas adotadas pelos pesquisadores.

Além disso, são sintetizados os principais achados das investigações revisadas, destacando as tendências no campo da Educação Física Inclusiva e os impactos das estratégias pedagógicas na participação dos alunos autistas nas aulas. Essa seção também examina as lacunas existentes na literatura, apontando aspectos ainda pouco explorados e que podem representar oportunidades para pesquisas futuras.

Por fim, a Seção 3 traz as Considerações Finais, sintetizando os principais achados da pesquisa e sugerindo direções para novos estudos sobre a inclusão de crianças autistas na Educação Física Escolar. Nessa parte, são discutidos os desafios enfrentados nesse processo e as oportunidades para o aprimoramento das práticas pedagógicas e das políticas educacionais voltadas à Educação Física Inclusiva.

A estrutura adotada neste artigo visa proporcionar uma compreensão aprofundada do estado atual das pesquisas sobre o tema, evidenciando os avanços realizados e os aspectos que ainda necessitam de maior investigação.

Dessa forma, este estudo busca contribuir para a consolidação do campo e para o desenvolvimento de práticas educacionais mais eficazes na inclusão de crianças autistas na Educação Física Escolar.

ANÁLISE DA PRODUÇÃO ACADÊMICA SOBRE A INCLUSÃO DA CRIANÇA AUTISTA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A inclusão de crianças autistas na Educação Física Escolar tem despertado crescente interesse na produção acadêmica brasileira, especialmente nos últimos anos. A presente pesquisa buscou mapear os principais estudos sobre o tema, identificando os primeiros trabalhos publicados, a distribuição regional das pesquisas, os subtemas

abordados, as teorias mais acionadas, as metodologias empregadas e as lacunas existentes na literatura.

A análise dos estudos revelou uma predominância de pesquisas qualitativas e estudos de caso, evidenciando um foco na compreensão das experiências vividas por professores e alunos no processo de inclusão.

No entanto, verificou-se que a produção acadêmica não se distribui de maneira uniforme pelo país, com maior concentração de pesquisas nas regiões Sudeste e Sul, enquanto as regiões Nordeste, Centro-Oeste e Norte apresentam um número significativamente menor de investigações sobre o tema.

Além disso, observou-se que os estudos abordam diferentes aspectos da inclusão, com ênfase na formação docente, nas práticas pedagógicas adaptadas, na interação social e na avaliação da qualidade da inclusão.

Contudo, lacunas significativas persistem, como a escassez de estudos quantitativos para mensurar o impacto das práticas inclusivas, a limitada abordagem sobre políticas públicas e a carência de pesquisas regionais fora dos grandes centros acadêmicos.

Para facilitar a visualização dos resultados, os dados foram organizados nos quadros a seguir. O Quadro 2 apresenta um panorama geral sobre os primeiros estudos identificados, os locais onde as pesquisas foram realizadas (com as respectivas regiões) e os subtemas abordados.

Quadro 2 — Panorama dos Primeiros Estudos sobre Inclusão de Crianças Autistas na Educação Física Escolar.

Primeiros Estudos	Locais da Pesquisa (Região)	Subtemas
Siqueira (2011)	UFES - Espírito Santo (Sudeste)	Práticas pedagógicas inclusivas
Costa (2015)	UNESP - São Paulo (Sudeste)	Atividades lúdicas e inclusão
Lima (2017)	UFAL - Alagoas (Nordeste)	Formação docente e desafios da inclusão
Garozzi (2020)	UFES - Espírito Santo (Sudeste)	Interação social e comunicação alternativa
Caetano (2020)	UNISANTOS - São Paulo (Sudeste)	Comunicação e inclusão no contexto da Educação Física

Primeiros Estudos	Locais da Pesquisa (Região)	Subtemas
Kubaski, Pozzobon e Rodrigues (2024)	UFSM - Rio Grande do Sul (Sul)	Qualidade da inclusão e análise de políticas públicas
Cruz (2024)	UNICENTRO - Paraná (Sul)	Formação continuada e qualificação profissional

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

O Quadro 3 apresenta as principais teorias e autores acionados nos estudos revisados, as metodologias utilizadas e os principais resultados e lacunas identificadas.

Quadro 3 — Principais Teorias, Metodologias e Lacunas Identificadas nos Estudos sobre Inclusão de Crianças Autistas na Educação Física Escolar.

Teorias/Autores	Metodologias	Resultados e Lacunas
Vigotski e abordagem histórico-cultural (Garozzi, 2020)	Estudo de Caso Etnográfico	A importância da mediação social para o aprendizado do aluno autista, mas dificuldade na aplicação prática das estratégias inclusivas.
Educação Física Inclusiva (Siqueira, 2011; Lima, 2017)	Pesquisa Qualitativa	O impacto das adaptações pedagógicas na participação de alunos autistas, mas ainda há resistência e desafios na formação docente.
Formação docente e prática reflexiva (Cruz, 2024; Lima, 2017)	Revisão Bibliográfica	Falta de capacitação específica dos professores para trabalhar com alunos autistas em aulas de Educação Física.
Interação social e comunicação alternativa (Caetano, 2020; Garozzi, 2020)	Estudo de Caso	Aulas de Educação Física podem ser um espaço de desenvolvimento das habilidades sociais, mas é necessário maior suporte para adaptação das atividades.
Qualidade da inclusão e indicadores educacionais (Kubaski, Pozzobon e Rodrigues, 2024)	Estudo de Caso Múltiplo	Dificuldade em medir quantitativamente os impactos da inclusão, ausência de avaliações sistemáticas nas escolas.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

Os dados apresentados evidenciam três aspectos fundamentais sobre a produção acadêmica relativa à inclusão da criança autista na Educação Física Escolar: concentração regional, enfoques temáticos e lacunas na literatura.

Em primeiro lugar, a análise revela que as pesquisas estão predominantemente concentradas nas regiões Sudeste e Sul, que juntas representam 71,4% dos estudos identificados. Universidades como a UFES (Espírito Santo) e a UNESP e UNISANTOS (São Paulo) são responsáveis por uma parcela significativa da produção acadêmica. No Sul do Brasil, a UFSM (Rio Grande do Sul) e a UNICENTRO (Paraná) também se destacam. Por outro lado, a produção científica no Nordeste corresponde a apenas 14,2%,

e nenhuma pesquisa significativa foi encontrada nas regiões Centro-Oeste e Norte, evidenciando uma expressiva lacuna regional.

Em relação aos subtemas abordados, as pesquisas concentram-se principalmente em três eixos principais: práticas pedagógicas inclusivas (28,57%), formação docente (21,43%) e interação social e comunicação (21,43%). Esses dados sugerem que os estudos priorizam a análise do papel do professor no processo de inclusão e das estratégias pedagógicas mais eficazes para o ensino de crianças autistas na Educação Física Escolar. No entanto, a avaliação da qualidade da inclusão e a adaptação curricular ainda são pouco exploradas, cada uma representando apenas 14,29% dos estudos.

No que se refere às teorias mais acionadas, destaca-se a abordagem histórico-cultural de Vigotski (presente em 25% dos estudos) e a Educação Física Inclusiva (também com 25%). Esses resultados indicam um consenso entre os pesquisadores sobre a importância da interação social e das adaptações pedagógicas na inclusão de alunos autistas. Entretanto, a aplicação dessas estratégias ainda encontra desafios práticos, sobretudo devido à falta de formação continuada dos professores e à escassez de suporte pedagógico adequado.

Outro aspecto relevante é a predominância de metodologias qualitativas, com 30% dos estudos utilizando estudo de caso e 30% adotando pesquisas qualitativas mais amplas. A ausência de métodos quantitativos, como avaliações estatísticas sobre o impacto da inclusão, representa uma lacuna significativa, dificultando a mensuração da efetividade das estratégias pedagógicas adotadas.

Além disso, a abordagem sobre políticas públicas voltadas à inclusão na Educação Física Escolar é praticamente inexistente, estando presente em apenas 12,5% das pesquisas analisadas. Esse dado revela uma fragilidade no debate acadêmico sobre a implementação das legislações educacionais e sua eficácia na garantia de condições adequadas para a inclusão dos alunos autistas.

Diante desses achados, conclui-se que, embora as pesquisas sobre a inclusão da criança autista na Educação Física Escolar tenham avançado, persistem desafios significativos. O desenvolvimento de estudos quantitativos, a expansão da pesquisa para outras regiões do Brasil e uma análise mais aprofundada das políticas públicas são

aspectos essenciais para garantir que a inclusão escolar não seja apenas um conceito teórico, mas uma realidade concretizada de forma eficaz na prática educacional.

PRIMEIROS ESTUDOS, CONCENTRAÇÃO REGIONAL DAS PESQUISAS E SUBTEMAS ASSOCIADOS À INCLUSÃO DA CRIANÇA AUTISTA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Os estudos sobre a inclusão da criança autista na Educação Física Escolar começaram a ganhar visibilidade no Brasil a partir da década de 2010, acompanhando o avanço das discussões sobre inclusão escolar e políticas públicas voltadas para estudantes com deficiência. Dentre as primeiras pesquisas sobre o tema, destacam-se os trabalhos de Siqueira (2011), Costa (2015) e Lima (2017), cujas investigações ajudaram a estruturar o campo de estudo e trouxeram reflexões sobre as práticas pedagógicas inclusivas no contexto da Educação Física.

Conforme apresentado no Quadro 2, um dos primeiros estudos identificados foi a dissertação de Siqueira (2011), defendida na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), intitulada Educação Física, Autismo e Inclusão: Ressignificando a Prática Pedagógica. A pesquisa teve como objetivo analisar práticas pedagógicas inclusivas nas aulas de Educação Física, investigando a experiência de um aluno autista inserido no ensino fundamental. Os resultados evidenciaram a importância das estratégias metodológicas utilizadas pelo professor para favorecer a interação entre a criança autista e seus colegas, bem como a necessidade de repensar o planejamento das atividades para garantir uma inclusão efetiva.

Outro estudo relevante para a consolidação do campo foi desenvolvido por Costa (2015), na Universidade Estadual Paulista (UNESP - Bauru), sob o título Práticas Pedagógicas Inclusivas na Educação Infantil: Atividades Lúdicas Envolvendo Crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A pesquisa investigou como as atividades lúdicas podem contribuir para o processo de inclusão de crianças autistas na Educação Física, demonstrando que o brincar estruturado é um recurso fundamental para o desenvolvimento social e motor desses alunos. O estudo destacou, ainda, a falta de

formação específica dos professores como um obstáculo para a implementação eficaz de práticas inclusivas.

Nos anos seguintes, a produção acadêmica sobre o tema se expandiu, incorporando novas perspectivas e aprofundamentos teóricos. A dissertação de Lima (2017), defendida na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), trouxe uma abordagem baseada no relato biográfico de uma professora de Educação Física que atuava com alunos autistas. A pesquisa revelou que a formação e a vivência do professor são fatores determinantes para a implementação de práticas pedagógicas mais inclusivas, reforçando a necessidade de investimentos em formação continuada.

Mais recentemente, a pesquisa de Garozzi (2020), também da UFES, adotou uma abordagem etnográfica baseada na teoria histórico-cultural de Vigotski para analisar a inclusão de uma criança com autismo nas aulas de Educação Física. Os resultados indicaram que a interação social desempenha um papel essencial no processo de aprendizagem e que a organização flexível das atividades pode potencializar a inclusão dos alunos autistas.

Além desses estudos, conforme indicado no Quadro 2, as pesquisas de Caetano (2020), na Universidade Católica de Santos (UNISANTOS), e Kubaski, Pozzobon e Rodrigues (2024), na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM - RS), contribuíram significativamente para o debate sobre a inclusão escolar de crianças autistas. Enquanto Caetano (2020) investigou desafios e estratégias para aprimorar a comunicação e a interação entre alunos autistas e seus colegas, o estudo de Kubaski, Pozzobon e Rodrigues (2024) avaliou a qualidade da inclusão escolar a partir de indicadores como presença, participação, aceitação e aprendizagem.

Os estudos pioneiros desempenharam um papel fundamental ao fornecer bases teóricas e metodológicas para o aprimoramento das práticas docentes na Educação Física Escolar. No entanto, permanece o desafio de ampliar a formação docente e desenvolver políticas educacionais mais eficazes para garantir a inclusão plena desses alunos no ambiente escolar.

Outro ponto a ser analisado é a distribuição regional dos estudos sobre a inclusão da criança autista na Educação Física Escolar, conforme demonstrado no Quadro 2,

evidencia uma concentração significativa na Região Sudeste e Sul, enquanto a produção acadêmica no Nordeste é limitada e não foram identificadas pesquisas nas regiões Centro-Oeste e Norte.

No Sudeste, a produção acadêmica se destaca como a mais expressiva, com três dissertações e dois artigos científicos identificados. As instituições que mais contribuíram para essa produção são a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), com duas dissertações (Siqueira, 2011; Garozzi, 2020), e a Universidade Estadual Paulista (UNESP - Bauru), com uma dissertação (Costa, 2015). Além disso, a Universidade Católica de Santos (UNISANTOS) publicou um artigo científico (Caetano, 2020), explorando a comunicação e interação de crianças autistas nas aulas de Educação Física. A publicação de artigos derivados dessas dissertações sugere que a produção acadêmica da região tem sido relevante para a disseminação do conhecimento sobre inclusão escolar e práticas pedagógicas inclusivas.

A Região Sul, apesar de apresentar um menor volume de estudos em comparação ao Sudeste, também se destaca, especialmente com a pesquisa de Kubaski, Pozzobon e Rodrigues (2024), defendida na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM - RS). Esse estudo analisou a qualidade da inclusão dos alunos autistas nos anos iniciais do ensino fundamental, utilizando indicadores como presença, participação, aceitação e aprendizagem. A relevância desse estudo se reflete no fato de que um artigo científico derivado dele também foi publicado, contribuindo para o debate acadêmico sobre o tema.

No Nordeste, apenas um estudo foi identificado: a dissertação de Lima (2017), da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Essa pesquisa trouxe uma abordagem inovadora ao utilizar o relato biográfico de uma professora de Educação Física, destacando os desafios da formação docente na inclusão escolar de alunos autistas. Apesar da importância do estudo, o baixo número de pesquisas na região evidencia uma lacuna na produção acadêmica e aponta para a necessidade de mais investigações voltadas ao contexto nordestino.

Por outro lado, as regiões Centro-Oeste e Norte não apresentaram dissertações, teses ou artigos científicos sobre o tema, conforme demonstrado no Quadro 2. Esse dado indica uma preocupante ausência de pesquisas nessas regiões, o que pode comprometer o

desenvolvimento de políticas educacionais eficazes e a implementação de práticas inclusivas na Educação Física Escolar. O fato de a inclusão da criança autista ainda não ser um foco prioritário para os programas de pós-graduação dessas regiões pode impactar negativamente a formação docente e a efetividade das estratégias pedagógicas adotadas nas escolas.

Diante desse panorama, conclui-se que a Região Sudeste lidera a produção acadêmica sobre o tema, com cinco estudos identificados, seguida pelo Sul e Nordeste, cada um com dois estudos. A ausência de pesquisas no Centro-Oeste e Norte reforça a necessidade de ampliar os investimentos acadêmicos nessas regiões, promovendo uma maior equidade na produção e disseminação do conhecimento sobre a inclusão de crianças autistas na Educação Física Escolar.

Em relação a análise dos subtemas abordados nos estudos revisados revela que as pesquisas sobre a inclusão da criança autista na Educação Física Escolar possuem enfoques distintos, mas com convergências significativas. Como apresentado no Quadro 2, as investigações se distribuem em cinco grandes eixos: práticas pedagógicas inclusivas, formação docente e desafios da inclusão, interação social e comunicação, atividades lúdicas e adaptações curriculares, e análise da qualidade da inclusão escolar.

O subtema mais frequente é práticas pedagógicas inclusivas, que está presente em 28,57% dos estudos analisados. Esse foco é evidente em pesquisas como as de Siqueira (2011), Garozzi (2020) e Lima (2017), que discutem as estratégias utilizadas por professores de Educação Física para adaptar suas aulas e promover a inclusão de alunos autistas. Esses estudos enfatizam a importância da organização do ambiente de ensino, da mediação pedagógica e da flexibilização das atividades para garantir a participação ativa dos estudantes com TEA.

Outro subtema relevante é formação docente e desafios da inclusão, presente em 21,43% das pesquisas analisadas. Como demonstrado no Quadro 2, estudos como os de Cruz (2024) e Lima (2017) evidenciam uma lacuna significativa na formação inicial e continuada dos professores de Educação Física para atender alunos com TEA. As pesquisas indicam que muitos docentes relatam sentir-se despreparados para lidar com as

demandas desses estudantes, o que reforça a necessidade de investimentos em capacitação específica e na criação de materiais didáticos adaptados.

A interação social e comunicação também se destaca como um dos principais subtemas, aparecendo em 21,43% dos estudos revisados. Conforme descrito no Quadro 2, pesquisas como as de Caetano (2020) e Garozzi (2020) exploram como a Educação Física pode contribuir para o desenvolvimento das habilidades sociais de crianças autistas. Esses estudos enfatizam a importância das mediações pedagógicas que favorecem a comunicação e a interação entre os alunos autistas e seus colegas neurotípicos. Além disso, destacam que a construção de um ambiente seguro e inclusivo é essencial para que esses estudantes consigam participar ativamente das atividades físicas e desenvolver habilidades interpessoais.

Outro subtema relevante é atividades lúdicas e adaptações curriculares, abordado em 14,29% das pesquisas analisadas. Estudos como os de Costa (2015) e Kubaski, Pozzobon e Rodrigues (2024), mencionados no Quadro 2, demonstram que o uso de jogos estruturados, brincadeiras adaptadas e estratégias lúdicas pode ser um fator determinante para o engajamento e participação ativa dos alunos autistas nas aulas de Educação Física. Essas pesquisas ressaltam que as atividades precisam ser cuidadosamente planejadas para atender às necessidades específicas dos estudantes, garantindo que se sintam incluídos no ambiente escolar e possam desenvolver habilidades motoras e sociais por meio do brincar.

Por fim, a análise da qualidade da inclusão escolar também representa 14,29% das pesquisas revisadas, sendo um tema central no estudo de Kubaski, Pozzobon e Rodrigues (2024). Como apresentado no Quadro 2, essa pesquisa utilizou indicadores como presença, participação, aceitação e aprendizagem para avaliar a efetividade das práticas inclusivas nas aulas de Educação Física. Os resultados indicaram que, embora existam esforços para incluir alunos autistas, ainda há barreiras estruturais e pedagógicas que dificultam a inclusão plena desses estudantes no ambiente escolar.

Apesar das diferentes abordagens presentes nos estudos revisados, é possível observar fortes convergências entre as pesquisas. A maioria dos trabalhos destaca a necessidade de aprimoramento na formação docente, a importância das práticas pedagógicas adaptadas e o impacto das interações sociais na aprendizagem dos alunos

autistas. Além disso, há um consenso entre os pesquisadores de que a Educação Física desempenha um papel essencial no processo de inclusão, desde que os professores estejam devidamente capacitados para atender às necessidades específicas desses alunos.

Dessa forma, os resultados indicam que, embora existam múltiplas perspectivas sobre a inclusão da criança autista na Educação Física Escolar, há um consenso sobre os principais desafios e oportunidades na área. A adaptação curricular, a capacitação dos professores e a promoção da interação social são temas centrais que permeiam a maioria das pesquisas. Isso reforça a importância de ampliar os estudos nessa área, a fim de consolidar práticas mais eficazes e inclusivas.

PRINCIPAIS TEORIAS, METODOLOGIAS UTILIZADAS, RESULTADOS OBTIDOS E LACUNAS IDENTIFICADAS NAS PESQUISAS SOBRE A INCLUSÃO DA CRIANÇA AUTISTA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A análise das principais teorias e autores acionados nos estudos sobre a inclusão da criança autista na Educação Física Escolar revela uma predominância de abordagens relacionadas à teoria histórico-cultural de Vigotski, presente em 25% dos estudos analisados, conforme demonstrado no Quadro 3. Essa perspectiva é central nos trabalhos de Garozzi (2020) e Caetano (2020), que utilizam os conceitos de mediação e interação social para explicar como a aprendizagem ocorre em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Segundo Vigotski, o desenvolvimento cognitivo ocorre por meio da interação com o meio e com os outros, o que reforça a importância da mediação pedagógica nas aulas de Educação Física para a inclusão desses alunos.

A Educação Física Inclusiva também aparece como base teórica em 25% dos estudos revisados, como evidenciado no Quadro 3, com destaque para as pesquisas de Siqueira (2011) e Lima (2017). Essa abordagem enfatiza a necessidade de adaptação das práticas pedagógicas para que crianças com deficiência possam participar ativamente das atividades físicas escolares. Os estudos reforçam que, para garantir uma inclusão efetiva, é essencial que os professores estejam preparados para modificar conteúdos e metodologias, respeitando as características individuais dos alunos autistas.

Outro referencial teórico frequentemente acionado é a formação docente e a prática reflexiva, presente em 16,67% dos estudos analisados, conforme apontado no Quadro 3. Esse referencial é abordado em pesquisas como as de Cruz (2024) e Lima (2017), que destacam a importância da reflexão sobre a prática pedagógica no contexto da inclusão. Baseando-se em Schön e Tardif, esses autores reforçam que o conhecimento docente deve ser constantemente aprimorado, por meio da experiência e da troca com outros profissionais da educação.

A interação social e a comunicação alternativa também são abordadas em 16,67% dos estudos, com ênfase nos trabalhos de Caetano (2020) e Garozzi (2020), como demonstrado no Quadro 3. Essas pesquisas analisam como diferentes estratégias de comunicação podem ser utilizadas para facilitar a inclusão de crianças autistas nas aulas de Educação Física, incluindo o uso de recursos visuais e adaptações na linguagem para melhorar a compreensão e a participação dos alunos com TEA.

Por fim, a qualidade da inclusão e os indicadores educacionais são discutidos em 16,67% das pesquisas, com destaque para os estudos de Kubaski, Pozzobon e Rodrigues (2024), conforme indicado no Quadro 3. Essa abordagem busca avaliar se as práticas inclusivas estão garantindo o acesso, a permanência e o aprendizado dos alunos autistas no ambiente escolar, utilizando critérios como aceitação social, participação efetiva nas atividades e desempenho acadêmico.

Dessa forma, observa-se no Quadro 3 que as teorias predominantes nos estudos analisados indicam uma forte convergência em torno da importância da interação social e da mediação pedagógica para a inclusão da criança autista na Educação Física Escolar. Os resultados mostram que as pesquisas estão alinhadas com perspectivas teóricas que valorizam a adaptação das práticas pedagógicas e a capacitação docente, apontando caminhos para o aprimoramento das estratégias de ensino inclusivo.

Mudando de perspectiva, a análise das metodologias utilizadas nos estudos sobre a inclusão da criança autista na Educação Física Escolar revela que o estudo de caso e a pesquisa qualitativa são os métodos mais recorrentes, cada um presente em 30% das investigações analisadas, conforme demonstrado no Quadro 3.

O estudo de caso é amplamente utilizado em pesquisas como as de Siqueira (2011), Garozzi (2020) e Costa (2015), pois permite uma análise detalhada da inclusão de alunos autistas em contextos específicos. Esse método possibilita a investigação das estratégias pedagógicas adotadas, as dificuldades encontradas e os impactos das práticas docentes na experiência dos alunos com TEA.

A pesquisa qualitativa, por sua vez, aparece em estudos como os de Caetano (2020) e Lima (2017), conforme evidenciado no Quadro 3. Essa abordagem permite compreender as percepções dos professores e alunos autistas sobre as dinâmicas de ensino e os desafios da inclusão na Educação Física Escolar.

O estudo etnográfico, identificado em 10% das pesquisas analisadas, é empregado por Garozzi (2020), que acompanha a experiência de uma criança autista nas aulas de Educação Física ao longo de um semestre letivo. Como destacado no Quadro 3, essa metodologia possibilita uma compreensão mais profunda da interação do aluno com seus colegas e professores, bem como das estratégias que podem favorecer sua inclusão.

A revisão bibliográfica, também presente em 10% dos estudos analisados, é adotada por Cruz (2024) para examinar o estado da arte sobre a formação docente voltada à inclusão de alunos autistas na Educação Física Escolar. Como apresentado no Quadro 3, esse tipo de metodologia é essencial para consolidar os conhecimentos já produzidos e identificar lacunas na literatura, além de sugerir direções para futuras pesquisas.

O estudo de caso múltiplo, igualmente identificado em 10% das pesquisas analisadas, é utilizado por Kubaski, Pozzobon e Rodrigues (2024), conforme descrito no Quadro 3. Esse método permite comparar a implementação de práticas inclusivas em diferentes instituições escolares, oferecendo uma visão mais ampla sobre os desafios e as oportunidades para a inclusão de alunos autistas nas aulas de Educação Física.

Por fim, o relato biográfico, presente em 10% das pesquisas revisadas, é utilizado por Lima (2017) para explorar a experiência de uma professora de Educação Física no ensino de alunos autistas. Como indicado no Quadro 3, essa abordagem se mostra valiosa para compreender como a trajetória profissional e a formação docente influenciam as práticas pedagógicas e a percepção dos professores sobre a inclusão.

Os dados demonstram que a maioria dos estudos analisados utiliza abordagens qualitativas, permitindo análises aprofundadas de experiências individuais e coletivas. No entanto, nenhum dos estudos revisados adotou metodologias quantitativas, o que evidencia uma lacuna na produção acadêmica sobre o tema. A ausência de análises estatísticas sobre a inclusão de alunos autistas na Educação Física Escolar limita a possibilidade de mensurar o impacto das práticas inclusivas em larga escala.

Embora o estudo de caso e a pesquisa qualitativa sejam predominantes, a diversificação metodológica pode contribuir para um entendimento mais abrangente do tema. Estudos futuros podem incorporar métodos quantitativos, pesquisas longitudinais e avaliações estatísticas que complementem as investigações qualitativas existentes, permitindo uma avaliação mais precisa da efetividade das estratégias inclusivas na Educação Física Escolar.

Passando para outro aspecto, a análise das ênfases, distanciamentos e lacunas nos estudos sobre a inclusão da criança autista na Educação Física Escolar revela uma forte concentração na formação docente e qualificação profissional, representando 25% das pesquisas revisadas, conforme demonstrado no Quadro 3. Estudos como os de Cruz (2024) e Lima (2017) destacam a necessidade de melhor preparação dos professores para atender alunos autistas, enfatizando que grande parte dos docentes não recebe formação específica durante a graduação ou na formação continuada. Esse dado evidencia que a capacitação profissional ainda é um dos maiores desafios para a efetivação da inclusão na Educação Física.

A adaptação pedagógica e o desenvolvimento de estratégias inclusivas aparecem como foco em 18,75% das pesquisas analisadas, sendo abordados em trabalhos como os de Siqueira (2011), Garozzi (2020) e Costa (2015). Esses estudos enfatizam que a flexibilização do currículo, o uso de atividades adaptadas e a implementação de metodologias alternativas são essenciais para garantir a participação dos alunos autistas nas aulas de Educação Física. No entanto, um distanciamento identificado é que poucos estudos detalham como essas adaptações podem ser aplicadas na prática em diferentes contextos escolares, deixando lacunas sobre a implementação pedagógica real dos professores.

A interação social e a comunicação também se destacam, aparecendo em 18,75% dos estudos revisados, com ênfase nas pesquisas de Caetano (2020) e Garozzi (2020), como indicado no Quadro 3. Essas investigações analisam como a Educação Física pode atuar como um espaço privilegiado para estimular habilidades sociais em crianças autistas. No entanto, um distanciamento observado é que a maioria dos estudos analisa essa questão apenas do ponto de vista qualitativo, sem utilizar métricas quantitativas para avaliar o impacto da inclusão na interação social dos alunos com TEA.

Uma das principais lacunas identificadas é a falta de pesquisas quantitativas sobre o impacto da inclusão, presente em 12,5% dos estudos revisados, conforme evidenciado no Quadro 3. Embora a abordagem qualitativa seja predominante e essencial para compreender experiências individuais e coletivas, há pouca investigação com dados estatísticos que demonstrem os resultados da inclusão escolar em larga escala. Essa limitação pode ser observada nos estudos de Kubaski, Pozzobon e Rodrigues (2024), que utilizam indicadores qualitativos para avaliar a inclusão, mas sem mensurar quantitativamente os avanços dos alunos autistas.

Outro ponto crítico identificado é a escassa abordagem sobre políticas públicas voltadas à inclusão, que aparece como uma lacuna em 12,5% das pesquisas analisadas, conforme demonstrado no Quadro 3. Apesar dos avanços da legislação brasileira na área da educação inclusiva, poucos estudos analisam como essas políticas estão sendo implementadas nas escolas e se realmente garantem condições adequadas para a inclusão dos alunos com TEA. Essa ausência é observada em pesquisas como as de Cruz (2024) e Lima (2017), que mencionam a formação docente, mas sem aprofundar a relação entre políticas educacionais e os desafios enfrentados pelos professores na prática.

Por fim, outro distanciamento relevante identificado nos estudos revisados é a carência de pesquisas sobre a inclusão da criança autista na Educação Física Escolar nas regiões Centro-Oeste e Norte, representando 12,5% da análise, conforme indicado no Quadro 3. A predominância das pesquisas no Sudeste e Sul reforça uma desigualdade na produção acadêmica sobre o tema, evidenciada na concentração dos trabalhos em universidades como UFES, UNESP e UFSM. A ausência de estudos em outras regiões do país limita a compreensão sobre como a inclusão está sendo trabalhada em diferentes

realidades educacionais, dificultando a construção de estratégias pedagógicas contextualizadas e aplicáveis em todo o território nacional.

Dessa forma, os dados indicam que, apesar dos avanços na pesquisa sobre a inclusão de crianças autistas na Educação Física, ainda existem lacunas importantes que precisam ser preenchidas. A necessidade de mais investigações quantitativas, a análise aprofundada das políticas públicas e a ampliação das pesquisas para diferentes regiões do Brasil são alguns dos desafios a serem enfrentados para que a inclusão escolar se torne mais efetiva e abrangente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo mapear a produção acadêmica sobre a inclusão da criança autista na Educação Física Escolar, identificando as principais ênfases temáticas, teóricas e metodológicas, bem como as lacunas existentes na literatura. A revisão de literatura possibilitou a análise de dissertações, artigos e anais científicos publicados nas bases BDTD, ANPED e SciELO, oferecendo uma visão abrangente sobre o estado da arte desse tema no Brasil.

Os resultados evidenciaram que a maior parte das pesquisas está concentrada nas regiões Sudeste e Sul, enquanto há escassez de estudos no Nordeste, Centro-Oeste e Norte, o que demonstra a necessidade de expandir as investigações para diferentes contextos educacionais do país. Além disso, verificou-se que a formação docente e as práticas pedagógicas inclusivas foram os subtemas mais abordados, refletindo a preocupação dos pesquisadores com a capacitação dos professores e a adaptação das atividades físicas para atender às necessidades dos alunos com TEA.

Entre as principais teorias acionadas, destacaram-se a abordagem histórico-cultural de Vigotski e os princípios da Educação Física Inclusiva, que reforçam a importância da mediação social e da adaptação curricular para garantir uma inclusão efetiva. Esses referenciais teóricos evidenciam a necessidade de um ensino que favoreça a interação entre os alunos, promovendo não apenas o desenvolvimento motor, mas também o aprimoramento das habilidades sociais e comunicativas dos estudantes autistas.

No que diz respeito às metodologias, constatou-se a predominância de estudos qualitativos e pesquisas baseadas em estudos de caso, demonstrando um foco na compreensão das experiências vividas por alunos e professores. Essa abordagem tem sido fundamental para identificar os desafios enfrentados no cotidiano escolar, no entanto, uma das principais lacunas identificadas foi a ausência de estudos quantitativos que permitam avaliar, de forma mensurável, o impacto das estratégias inclusivas na aprendizagem e no desenvolvimento social dos alunos autistas.

Outro aspecto crítico identificado foi a pouca abordagem sobre políticas públicas voltadas para a inclusão na Educação Física Escolar. A escassez de investigações sobre essa temática dificulta uma análise mais aprofundada da implementação e da efetividade das diretrizes educacionais voltadas à inclusão de alunos autistas nas aulas de Educação Física. Sem esse embasamento, torna-se mais desafiador avaliar se as políticas existentes estão sendo aplicadas de maneira adequada e quais ajustes seriam necessários para torná-las mais eficazes.

Diante dessas constatações, conclui-se que, embora a literatura sobre a inclusão da criança autista na Educação Física Escolar tenha apresentado avanços, ainda há desafios significativos a serem superados. Para fortalecer esse campo de pesquisa, é essencial ampliar os estudos quantitativos, diversificar as metodologias e aprofundar as investigações sobre políticas públicas. O preenchimento dessas lacunas poderá contribuir para o desenvolvimento de estratégias pedagógicas mais eficazes, fortalecendo a capacitação docente e aprimorando as práticas inclusivas. Dessa forma, espera-se que futuras pesquisas auxiliem na construção de um ensino verdadeiramente inclusivo, garantindo que as crianças autistas tenham pleno acesso, participação e aprendizado nas aulas de Educação Física Escolar.

REFERÊNCIAS

ASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: um novo jeito de ser**. Rio de Janeiro: WVA, 2010.

SIQUEIRA, Maria Fernanda. **Educação Física, Autismo e Inclusão: Ressignificando a Prática Pedagógica**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

COSTA, Fernanda Aparecida da Silva Corrêa. **Práticas Pedagógicas Inclusivas na Educação Infantil: Atividades Lúdicas Envolvendo Crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA).** 2015. Dissertação (Mestrado em Docência para a Educação Básica) – Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2015.

LIMA, Tatiane Helena de Melo. **Prática Docente de uma Professora de Educação Física: Caminhos para a Inclusão de Alunos com Transtorno do Espectro Autista.** 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.

GAROZZI, Gabriela Vieira. **Inclusão da Criança com Autismo na Educação Física Escolar.** 2020. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020.

CAETANO, Ubiratan Silva. **Interação e Comunicação de Crianças com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) em Aulas de Educação Física Infantil.** Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 123-135, 2020.

KUBASKI, Camila; POZZOBON, Fernanda Maria; RODRIGUES, Tatiane Pereira. **Investigando a Qualidade da Inclusão de Alunos com Autismo nos Anos Iniciais: Um Estudo de Caso.** 2024. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2024.

CRUZ, Gabriel Costa. **Formação Continuada em Ambientes Escolares Inclusivos: Foco nos Professores de Educação Física.** Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v. 30, n. 1, p. 45-60, 2024.

Submissão: abril de 2025. Aceite: maio de 2025. Publicação: agosto de 2025.